



Laudato Si ontem, hoje e sempre!

Laudato Si Yesterday, Today and Always!

*Antonio Lisboa

**Antonio Manzatto

Resumo

Este artigo propõe uma leitura teológico-pastoral dos dez anos da encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, ressaltando sua atualidade e fecundidade para a missão da Igreja no contexto contemporâneo. A partir dos conceitos de “Casa Comum” e “ecologia integral”, sublinha-se que a crise ecológica não é apenas ambiental, mas também antropológica, social, cultural e espiritual, exigindo uma mudança profunda de paradigmas. A encíclica é interpretada como parte constitutiva da Doutrina Social da Igreja e como um chamado à conversão ecológica, pessoal e comunitária, com desdobramentos concretos para a vida e a ação pastoral. O capítulo VI, dedicado à espiritualidade ecológica, recebe atenção especial, sendo apresentado como chave para integrar fé, cuidado da criação e justiça social. Assim, a *Laudato Si* é compreendida como um processo profético em curso, que interpela Igreja e sociedade a reorientarem seu modo de habitar a Terra em direção a uma convivência mais justa, fraterna e sustentável.

Palavras-chave: Laudato Si. Ecologia integral. Casa Comum. espiritualidade ecológica. Doutrina Social da Igreja.

Abstract

This article offers a theological-pastoral reading of the ten-year legacy of *Laudato Si*, Pope Francis’ encyclical,

*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Contato: alopes@pucsp.br

**Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Contato: amanzatto@outlook.com

Revista de Cultura Ecológica

Texto enviado em
31.08.2025

Aprovado em
17.10.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111
Mai - Dez 2025



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

emphasizing its enduring relevance and fruitfulness for the Church's mission in the contemporary world. Grounded in the concepts of the "Common Home" and "integral ecology," it argues that the ecological crisis is not only environmental but also anthropological, social, cultural, and spiritual, requiring a profound paradigm shift. The encyclical is interpreted as an integral part of Catholic Social Teaching and as a call to ecological conversion, both personal and communal, with concrete pastoral implications. Chapter VI, dedicated to ecological spirituality, is given special attention as a key to integrating faith, care for creation, and social justice. In this sense, *Laudato Si* is understood as a prophetic and ongoing process that challenges both Church and society to reorient the way we inhabit the Earth toward a more just, fraternal, and sustainable future.

Keywords: Laudato Si. Integral ecology. Common Home. Ecological spirituality. Catholic Social Teaching.

Introdução

A encíclica *Laudato Si*, publicada em 2015 pelo Papa Francisco, tornou-se um marco incontornável da Doutrina Social da Igreja ao enfrentar, de forma inédita e integral, a crise ecológica que marca o século XXI. Mais do que um texto ambiental ou uma "encíclica verde", como o próprio pontífice advertiu (LS, 49), trata-se de um ensinamento social que articula a fé, ética e cuidado com a criação. Seu horizonte não se restringe à preservação ambiental: é um documento profundamente espiritual, ético e pastoral, que propõe a ecologia integral como chave hermenêutica para compreender e enfrentar os múltiplos desafios contemporâneos. A degradação ambiental é lida em conexão direta com as crises sociais, econômicas, políticas, culturais e antropológicas que ameaçam a vida no planeta e comprometem a dignidade humana, sobretudo dos mais pobres.

Na esteira do Concílio Vaticano II e das encíclicas sociais precedentes, Francisco abre um novo capítulo na reflexão eclesial ao colocar no centro da Doutrina Social da Igreja a questão socioambiental, não como um tema acessório, mas como dimensão constitutiva da fé cristã e da missão evangelizadora. Ao falar de "Casa Comum" e insistir que "tudo está interligado", ele propõe uma mudança de paradigma: superar a lógica fragmentada que separa homem e natureza, economia e ética, ciência e espiritualidade. Trata-se de recuperar uma

visão unitária da realidade, capaz de integrar conhecimento, contemplação e ação, convocando a humanidade a um pacto de corresponsabilidade pelo futuro do planeta.

Passados dez anos de sua publicação, *Laudato Si* continua a inspirar comunidades, movimentos eclesiais, universidades, organizações sociais e até instâncias políticas internacionais, confirmando sua força profética. Seus frutos já se fazem sentir em práticas pastorais, em iniciativas de educação socioambiental e em processos de diálogo inter-religioso e intercultural. Contudo, seus desafios permanecem: a resistência de sistemas econômicos predatórios, o avanço das mudanças climáticas e as tensões sociais globais revelam que o caminho da ecologia integral ainda está em construção.

Nesse cenário, torna-se evidente que a encíclica não é apenas um texto de referência, mas um processo em andamento, cuja fecundidade depende da recepção e da implementação de suas propostas. Francisco insiste que a mudança não virá apenas de acordos internacionais ou políticas públicas, embora estes sejam fundamentais, mas sobretudo da conversão dos corações e da transformação dos estilos de vida cotidianos (LS, 211). Essa perspectiva pastoral confere à *Laudato Si* uma dimensão eminentemente educativa e missionária, convocando a Igreja a integrar a ecologia integral em seus itinerários formativos, em sua liturgia e em sua ação social.

Além disso, a encíclica insere a reflexão cristã em um diálogo mais amplo com a ciência, a cultura e os movimentos sociais, reafirmando a vocação universal da Igreja de contribuir para o bem comum. Ao reconhecer as contribuições da pesquisa científica e ao denunciar a manipulação de dados por interesses econômicos e políticos (LS, 54), Francisco mostra que a fé não teme a razão, mas busca integrar saberes em benefício da vida. Essa abertura confere à *Laudato Si* uma autoridade singular, capaz de dialogar com crentes e não crentes, e de se colocar como referência ética no debate global sobre o futuro da humanidade.

Por fim, é importante notar que a *Laudato Si* se insere no contexto mais amplo do pontificado de Francisco, marcado por um forte impulso de reforma pastoral e missionária. Ao lado de documentos como *Evangelii Gaudium* (2013),

Fratelli Tutti (2020) e *Laudate Deum* (2023), a encíclica compõe um projeto coerente que busca recolocar a Igreja no horizonte da fraternidade universal, da solidariedade e da defesa incondicional da vida em todas as suas formas. A ecologia integral, nesse sentido, não é apenas um tema setorial, mas parte de um movimento maior de renovação do olhar cristão sobre o mundo, no qual a fé se traduz em cuidado, justiça e esperança.

A presente reflexão se propõe, portanto, a reler a atualidade da *Laudato Si* à luz de seus frutos e desafios, com atenção especial ao seu núcleo espiritual, expresso no capítulo VI. Esse núcleo mostra que a conversão ecológica não é apenas uma questão de mudanças externas, mas um itinerário interior que envolve estilos de vida, escolhas comunitárias e discernimento pastoral. A partir da imagem da “Casa Comum” e do princípio da interconexão de todas as coisas, o texto explora as consequências dessa proposta para a missão da Igreja, para a vida das comunidades e para a construção de um mundo mais justo, fraterno e sustentável, à altura da esperança que o Evangelho anuncia.

Uma encíclica da Doutrina Social da Igreja para o tempo hodierno

O legado do Papa Francisco ainda será lembrado e desenvolvido de muitas maneiras, e durante muito tempo, seguramente. Reconhecendo a graça que Deus nos dá por termos, por nós e entre nós, o Papa Francisco, percebemos o quanto ele foi um ponto fora da curva, como dizemos. Sentimos sua amabilidade, sua proximidade, seu talento em ser grande sem deixar de ser simples, de ser sério sem perder o bom humor, de ser santo sem perder a humanidade. E como ele mesmo ensinou, o tempo é superior ao espaço e, por isso, o mais importante é iniciar processos (LUMEN FIDEI, 57). A *Laudato Si*, indiscutivelmente, foi um início de processo, um documento que existe há uma década, que foi seguido pela *Laudate Deum* (2023), e que ainda continua a suscitar reflexões, iniciativas e movimentos. O Papa Francisco já abraçou a causa ambiental e ajudará na continuidade das ações que colocam a crise climática no centro das preocupações mundiais.

E por que a *Laudato Si* continua e continuará sendo referência para o trato dessas questões? Por muitas e variadas razões, e talvez possamos elencar algumas. A primeira, sem dúvida, é seu ineditismo: é o primeiro documento da Doutrina

Social da Igreja que enfrenta, clara e totalmente, o tema. Não é uma encíclica verde, como o próprio Francisco fez questão de frisar em diversas ocasiões; é uma encíclica de Doutrina Social da Igreja. Outro tema vem à tona com a eleição do Papa Francisco e sua evocação do ministério de Leão XIII, marcado pela publicação da *Rerum Novarum* (1891). Sendo o primeiro documento sobre a questão, é compreensível que continue sendo referência sobre o tema ambiental.

Nesses dez anos, a encíclica realizou muito: não apenas posicionou politicamente a ação do Papa Francisco, mas influenciou na política socioambiental de muitos países, a ponto de suscitar oposição de quadros políticos aliados ao atual presidente dos Estados Unidos, o que já diz muito. Ainda mais, a *Laudato*, como carinhosamente passou a ser chamada, motivou e ainda motiva imensos setores sociais em ações para o cuidado da Casa Comum, que vai além da simples defesa do meio ambiente. Deu visibilidade aos povos originários, deu esperanças a populações carentes e abandonadas, como ribeirinhos, quilombolas, migrantes e outros mais. Motivou o aparecimento de ações eclesiais e compromissos pastorais de amplos setores da Igreja em vários níveis e em variadas situações.

Em sua esteira veio a Exortação Apostólica *Laudate Deum* (2023) e diversos pronunciamentos papais, em discursos e homilias, que fizeram o mundo entender que um Papa chamado Francisco tinha, mesmo, de se posicionar na defesa da criação, dos pobres, na defesa da vida. Se olharmos para as fotos, elas são a memória do ontem; olhando as fotos dos povos originários conquistados, das belezas intocadas, percebemos que talvez não haja fotos do hoje no amanhã. Mais que um paradoxo ecológico, temos hoje uma necessidade socioambiental de pensar no amanhã, muito mais do que nossos antepassados imaginaram o hoje, porque, se não pensarmos, não haverá um amanhã.

Dez anos se passaram e muita coisa foi feita, muito ainda resta a se fazer. Há dois conceitos novos introduzidos por Francisco na *Laudato Si* que também ajudam a entender por que essa encíclica continua sendo referência dez anos depois. São dois conceitos intrinsecamente relacionados entre si, de tal forma que um recobre o outro: o conceito de Casa Comum e o de ecologia integral. Casa Comum é uma forma interessante de se referir à habitação de todo o gênero

humano, porque engloba, senão todos, ao menos muitos assuntos relacionados à nossa forma de existir e, por isso, vai além de uma perspectiva ambiental, sem negá-la, mas inserindo-a em uma nova perspectiva, a socioambiental.

Efetivamente, quando falamos de Casa Comum não entendemos apenas o planeta onde vivemos, mas também como vivemos no planeta em que vivemos. Porque, quando falamos de casa, nossa casa, não nos referimos apenas ao endereço onde habitamos, nem às paredes que a delimitam, mas muito mais do que isso: falamos de nosso lar, do jeito de organizar aquele espaço, nas coisas que ali colocamos, no ambiente que criamos e para o qual sempre ansiamos voltar quando estamos fora. Nossa casa não é simplesmente nosso espaço, mas nosso jeito de habitar aquele espaço. Por isso, o conceito de Casa Comum vai além do ambiental, por assim dizer, e engloba nosso jeito de ser, de querer ser, e desemboca em uma compreensão antropológica, em um jeito de ser humano que permite pensar em formas de habitar, em comum, um espaço que é de todos.

Dessa maneira, o cuidado da Casa Comum, a casa de todos os seres humanos, envolve mais que o cuidado com a questão ambiental, que permanece sendo fundamental, mas não é a única. Há que se pensar também na questão cultural, que é o jeito de vivermos juntos no espaço que nos foi dado partilhar; o respeito aos outros, às diferenças, às minorias, que são aqueles com quem dividimos o mesmo espaço; o jeito de entendermos aquilo que é comum, ou seja, que não pertence a um ou a outro, mas é de todos e, por isso mesmo, exige a atenção e o cuidado de todos — como, por exemplo, os recursos naturais, o acesso às informações e o uso consciente dos espaços.

Casa Comum é um jeito de dizer que precisamos aprender a conviver pacificamente, sem que alguns sejam os donos da casa [super-ricos], outros apenas hóspedes [classes médias], outros convidados por um momento [pobres – mão de obra barata] e outros simplesmente deixados de fora [pessoas em situação de miséria e estrangeiros]. Casa Comum é conceito integrador que exige, em resposta, que revisemos nosso jeito de ser, nosso jeito de habitar o mundo, para além de nossas prioridades individuais. Porque o mundo não é habitado por indivíduos apenas, mas por coletividades, por um conjunto de

seres vivos que fazem com que a Casa esteja repleta de vida, inclusive de vida humana, e nossos egoísmos não podem fazer com que essa riqueza vital seja diminuída ou escravizada.

Daí, por esse caminho, se percebe que falamos não de uma crise ambiental somente, mas de uma verdadeira crise antropológica. O que está em jogo não é apenas aquilo que pensamos do planeta e de como o tratamos, mas também o que pensamos do ser humano e de como o tratamos. Porque nós mesmos, os seres humanos, não nos realizamos no lucro, no acúmulo, no consumo; e é uma ilusão acharmos que nos realizamos no ter. Nada disso define o ser humano, nem o realiza. Aqui os menos favorecidos podem nos ensinar, porque é fato inegável que nos realizamos mais na convivência e na alegria fraterna. Os povos originários podem nos ensinar os caminhos do bem viver, que não são os mesmos que conduzem à boa vida apregoada pelo sistema global neoliberal vigente. Não precisamos consumir tanto para bem vivermos, nem para sermos felizes. Podemos perceber que, como seres humanos, fomos criados para sermos humanos, e por isso podemos viver de maneira mais simples, mais austera e, no fim, mais felizes.

Mudanças de paradigma na forma de se entender o ser humano nos mostram mais claramente as causas da deterioração ambiental que conhecemos e mesmo da crise climática que experienciamos. E, se muitos falam de crise ambiental sem se referir às suas causas, Francisco tem a coragem de dizer, alto e bom som, que essa causa é o jeito predatório de explorar os recursos naturais do planeta realizado pelos grandes conglomerados econômicos mundiais. Isso afeta a vida de todos, porque afeta a vida do planeta, o jeito de habitarmos a Casa Comum, explica as desigualdades sociais, essa perniciosa forma de organizar o mundo onde alguns têm demais e outros passam necessidades; explica a vontade de dominação de alguns, a ponto de existirem guerras e uma imensidão de recursos serem destinados a uma nova corrida armamentista, que quer mais uma vez fazer prevalecer a lei do mais forte, renunciando a séculos de processos civilizatórios; explica as mudanças ambientais, porque desequilibra a forma de a vida ser organizada no planeta.

E explica, ainda, qual o caminho de mudança para que a situação se reverta a tempo, isto é, antes da destruição total. E qual é a mudança necessária? A começar pela mudança do sistema econômico predatório que apenas enxerga o lucro das grandes companhias; em seguida, pelos sistemas políticos que pensam em si mesmos. É preciso ir além das falácias econômicas que preservam os que têm mais em desfavor dos pobres; o tempo de todos tem 24 horas iguais, porém um pobre passa 12 horas trabalhando, enquanto os ricos aproveitam as riquezas geradas por outros. É preciso ir além das motivações erradas internas que nos escravizam, do micro ao macro; é preciso de conversão social que só através de um entendimento genuíno do Evangelho de Jesus Cristo e, mais recentemente, da Doutrina Social da Igreja, pode acender a chama de esperança nos corações de todos.

Vemos o acerto das indicações da *Laudato Si* todos os dias, confirmamos as causas, confirmamos comportamentos, e chegamos ainda a perceber que, a serviço dos mesmos interesses, aparecem os negacionismos mais escabrosos, a divulgação das mais sórdidas mentiras, chamadas de fake news, e os terraplanismos mais aleatórios. Se antes, no século passado, a falta de moral escancarou um problema interno da sociedade, hoje a imoralidade se encontra não mais no pensamento desordenado das pulsões, mas no sentir prazer em enganar. Tudo voltado para a defesa do sistema vigente, que continua privilegiando o lucro acima das pessoas e, atualmente, mesmo acima de povos e nações. Recentes comportamentos da política internacional comprovam claramente tais fatos, assim como comportamentos assumidos aqui no Brasil em tempos não distantes de nós.

Enquanto fala do meio ambiente, da natureza simplesmente, Francisco é tolerado. Quando toca no porquê da crise ambiental e climática e aponta a necessidade de mudança no sistema socioeconômico, Francisco é combatido — mas nunca com argumentos científicos, sempre com argumentos *ad baculum*. Como sabemos, não apenas por forças de fora da Igreja, mas também por muitas pessoas e organizações que se dizem da Igreja, mas que combatem o Papa porque não querem que se altere nada em seus privilégios. Percebemos, nesses casos e em outros que assistimos entre nós, como o sistema quer, e talvez precise,

dominar o discurso religioso para manter-se e propagar-se. Na perspectiva oposta, percebemos o quanto o discurso religioso pode ser mobilizador, conscientizador e, como pedia Francisco aos jovens: revolucionário. Como pede o Papa Francisco, sejamos capazes de quebrar a lógica da polarização, capazes de anunciar a paz, propagando o humanismo cristão, construindo redes de amor.

Ligado ao conceito de Casa Comum está o de ecologia integral, outro conceito criado por Francisco e presente na *Laudato Si*. Como dizia Cirineu Kuhn em sua poesia cantada, tudo está interligado como se fôssemos um, e nós aprendemos a cantar assim. Efetivamente, na natureza, as realidades todas se conectam, e as alterações em um dos elos da corrente provocam alterações em todo o sistema. Assim também em todos os demais espaços de vida na Casa Comum, de forma que não é possível cuidar apenas de uns pequenos detalhes, como se fossem isolados do restante, porque tudo está conectado. Assim, alterações no ambiente, como a diminuição da área ocupada por florestas, por exemplo, alteram a vida no planeta e, dessa maneira, afetam a vida de toda a criação, não apenas da humanidade. Daí que, conjugada a outras catástrofes, como a produção de gases de efeito estufa, essa questão, e outras a ela relacionadas, provoca a crise climática que conhecemos, os eventos extremos do clima e o aquecimento do planeta.

E sempre há aqueles que se levantam para gritar que tudo isso é invencionice ideológica, como se não estivéssemos enxergando e observando essas coisas acontecerem. Mas imagine, por exemplo, o que impede a desertificação da América do Sul? É o fenômeno chamado rios voadores (chuvas), onde permanece uma manta úmida que impede os efeitos do ar seco, além da Cordilheira dos Andes, que atua como barreira natural impedindo que a umidade escape para o Oceano Pacífico. Visto que, nos últimos anos, cada vez mais queimadas diminuem a umidade da região, diminui-se gradativamente a chuva nos locais certos, expondo-a a outros locais — digamos, por exemplo, no Sul e Sudeste, onde nunca se viu tantas enchentes como antes —, gerando uma grande crise do ecossistema. Porém haverá aqueles que dirão: “Tudo bem, exploremos para o agronegócio, porque o que vale é o dinheiro no bolso hoje.” E assim grandes fenômenos ecológicos acontecem no mundo, mas, aparentemente, para alguns é apenas uma crise climática inventada!

Sim, a *Laudato Si* foi um documento duramente criticado pelos poderosos do sistema e por seus defensores. Na esteira, Francisco também foi criticado por isso, alguns o fizeram ferrenhamente. Na maior parte das vezes, não foram direto ao ponto, ou seja, não o criticaram por suas afirmações com relação à natureza ou mesmo ao sistema; criticaram suas posições religiosas, dizendo que é preciso salvar apenas as almas, ou que a Igreja precisa cuidar da sacristia, com seus panos e alfaias, que a Igreja deve se contentar apenas com a questão religiosa preparando as pessoas para o céu. Como se tudo isso não estivesse interligado com o jeito de viver a vida aqui na terra, entre os humanos e com as outras criaturas, como se religião fosse espaço isolado da vida que não tivesse relação com as outras dimensões da existência. Poderíamos falar sobre isso por um bom tempo, mas podemos também lembrar que a *Laudato Si* iniciou processos. Há movimentos sociais e socioambientais que dela se inspiram, há muitos católicos que abraçaram o ensinamento do Papa e caminham pelos rumos que ele indicou, há muito que se fez e se faz nesses dez anos da *Laudato Si*; louvado seja Deus por isso.

Ainda há muito o que fazer, como retomar as reflexões a que nos conduziu a Campanha da Fraternidade deste ano. A realização da COP 30 em Belém do Pará, em novembro de 2025, também não pode passar despercebida em nossas comunidades. Ainda não desenvolvemos suficientemente, em nossas comunidades, em nossas dioceses e em nossas casas, uma Pastoral Ambiental efetiva, nem a envolvemos com os movimentos ou pastorais sociais para uma integração socioambiental tão necessária. Nossa forma de ligar fé e vida, característica da maneira de ser católico no continente latino-americano e que já ofereceu o segundo Papa para a Igreja Universal, precisa ser revitalizada para que possamos enxergar e vivenciar os caminhos abertos pela *Laudato Si*. Essa encíclica social antevê o futuro: se não formos firmes hoje numa mudança efetiva, o amanhã será o *colher* dos cacos, mas sem a possibilidade de mudança. Se antes as encíclicas sociais buscavam a dignidade humana em favor dos trabalhadores, Francisco inaugurou profeticamente um modo de ver e viver: “em um só, somos um”. Efetivamente, tudo está interligado como se fôssemos um, tudo está interligado nessa Casa Comum.

A Espiritualidade da *Laudato Si*

O capítulo VI da encíclica *Laudato Si*, “Educação e Espiritualidade Ecológicas” (202–246), apresenta o núcleo espiritual da proposta ecológica do Papa Francisco. Mais do que fornecer dados científicos ou análises sociológicas, o texto convida a uma conversão profunda que toma como ponto de partida e de chegada a interioridade humana e a vida das comunidades. A partir de uma perspectiva pastoral, este capítulo revela-se primorosamente fecundo para repensar a ação eclesial em sua missão evangelizadora com chave ecológica, integrando fé, cuidado da criação e compromisso social.

Francisco destaca de forma enfática que a crise ecológica vivida pelo mundo não é apenas uma crise ambiental, mas também moral, espiritual e cultural. Talvez se poderia dizer uma crise socioambiental. Isso exige uma educação que forme uma consciência ecológica enraizada na espiritualidade cristã. A encíclica denuncia a fragmentação do saber e sugere uma pedagogia integradora, articulando conjuntamente razão, espiritualidade e ação (LS, 210). Para a pastoral, isso significa que as igrejas, suas escolas, catequese e grupos de formação devem incluir o cuidado da criação como tema transversal, articulando-o com a teologia da criação, a justiça social e a escuta do clamor da terra e dos pobres.

Outro ponto crucial é o apelo à conversão interior (LS, 217). Francisco fala da conversão ecológica, que se manifesta quando reconhecemos nossas responsabilidades em relação ao mundo e aos outros. Essa conversão implica novos hábitos, escolhas de consumo consciente, atitudes de solidariedade e práticas comunitárias sustentáveis. No plano pastoral, essa conversão desafia as paróquias e movimentos a reavaliarem seus estilos de vida e suas estruturas, buscando coerência entre fé professada e práticas ambientais. Para a *Laudato Si*, a espiritualidade autêntica é a da simplicidade, da sobriedade e da gratidão. O Papa propõe que a espiritualidade cristã redescubra a alegria do essencial e a beleza do suficiente (LS, 222). Essa espiritualidade desafia o modelo consumista dominante e aponta para uma vida mais leve, inspirada na confiança em Deus e no louvor pela criação. As comunidades eclesiais podem cultivar essa sensibilidade

por meio de celebrações litúrgicas conectadas à natureza, retiros espirituais ecológicos, hortas comunitárias, partilhas e campanhas de jejum e solidariedade.

Um elemento relevante da atualidade neste sentido é a espiritualidade do encontro. A *Laudato Si* recorda que a espiritualidade ecológica é relacional: une-nos a Deus, aos irmãos e à natureza (LS, 228). Essa mística do encontro combate a cultura do descarte e propõe uma espiritualidade de inclusão, escuta e reconciliação. Nas ações pastorais, isso pode se traduzir na valorização das culturas locais, no diálogo com os saberes tradicionais e em uma escuta sincera do grito dos mais pobres e vulneráveis. Por outro lado, uma crítica plausível pode ser feita ao fato de que, embora o capítulo apresente uma rica espiritualidade, ele depende de práticas pastorais concretas para ganhar eficácia. O documento aponta caminhos, mas cabe às Igrejas locais desenvolverem projetos educativos, formativos e missionários que traduzam essas propostas em ações. Também se nota que poderia haver uma ênfase maior no papel profético das comunidades diante de políticas públicas injustas e sistemas econômicos predatórios.

A linguagem acessível do Papa Francisco é um dos grandes méritos deste capítulo. Ele traduz a teologia da criação em linguagem e atitudes simples e cotidianas. Contudo, isso exige um esforço pastoral de aprofundamento e formação contínua. Sem formação, o risco é que a espiritualidade ecológica se torne apenas retórica, sem consequências reais no estilo de vida pessoal e comunitário.

Em suma, a espiritualidade da *Laudato Si* é um verdadeiro itinerário de conversão pastoral. Ela oferece fundamentos e pistas concretas para que a ação evangelizadora da Igreja seja também ecológica, sensível à dor da terra e solidária com os mais pobres e excluídos. Trata-se de recuperar a espiritualidade do “Cântico das Criaturas”, onde tudo é dom e onde cada gesto de cuidado é expressão de fé. A espiritualidade ecológica não aliena, mas compromete; não isola, mas integra. Ela é, em última instância, uma espiritualidade da esperança ativa, chamada a transformar o mundo com a força discreta do amor que cuida.

Trata-se de uma espiritualidade de comunhão, encontro e ecologia integral (LS, 202). O Papa Francisco convida todos os cristãos a redescobrir a íntima relação entre fé e cuidado da criação, reconhecendo que a fonte primeira da

espiritualidade cristã é o mistério da comunhão trinitária (LS, 238). A Trindade, comunhão eterna de amor, é o modelo e a origem de toda relação harmônica entre o ser humano e a criação. Assim, a espiritualidade ecológica nasce da contemplação dessa comunhão, que nos move a viver uma responsabilidade intergeracional, cuidando da criação não apenas por nós, mas também pelas futuras gerações (LS, 159).

Dentro desta perspectiva teológica, o ser humano é visto como guardião da Casa Comum (LS, 236), e sua vocação não é dominar e explorar, mas proteger, cuidar e colaborar com o Criador na obra da criação. Ao afirmar que “tudo está interligado” (LS, 240), a encíclica revela que nenhuma ação humana está isolada: cada gesto, cada escolha, repercute no equilíbrio da criação. A consciência dessa interdependência exige uma conversão espiritual que reconheça o valor de cada criatura e a presença de Deus em todas as coisas (LS, 233). Esta conversão passa também pela redescoberta do sentido do encontro: com Deus, com o próximo e com a criação. A espiritualidade ecológica implica práticas concretas de simplicidade, gratidão e sobriedade, reconhecendo que a natureza é uma linguagem de Deus e um espaço privilegiado de encontro com Ele. O cristão é chamado, portanto, a uma mística que une contemplação e ação, oração e compromisso social e ecológico.

No último capítulo da *Laudato Si*, a espiritualidade se revela como comunhão plena. Deus, a humanidade e a natureza formam uma única realidade integrada, uma comunhão que tem origem na Trindade e que foi plenamente assumida e redimida pelo Verbo Encarnado, Jesus Cristo (LS, 235). Nele, Deus entra na história e na matéria, reconciliando tudo consigo. Essa comunhão não é estática, mas dinâmica, e exige do ser humano a responsabilidade de manter e sustentar essa unidade no tempo.

A espiritualidade da *Laudato Si* encontra sua plenitude na proposta da ecologia integral (LS, 137), na qual todas as dimensões da vida estão unidas: a relação com Deus, com os outros seres humanos e com o meio ambiente. Trata-se de uma espiritualidade que supera dicotomias, que integra a fé e o cuidado com o mundo, a oração e a justiça, a contemplação e a ação. Tudo converge

para o Cristo glorioso, “luz do mundo” (cf. Jo 8,12), que ilumina todas as coisas (LS, 100), pois Nele “tudo foi criado” (cf. Cl 1,16) e Nele “tudo será um só”. Essa visão escatológica e cósmica não aliena, mas compromete: quem crê na comunhão última de todas as coisas em Cristo é chamado a antecipá-la no presente por meio de escolhas concretas de cuidado, justiça e paz.

A espiritualidade da *Laudato Si* é, portanto, uma espiritualidade da esperança ativa, da fé que se traduz em obras e do amor que se expande para além do humano, abraçando todas as criaturas. Com efeito, a conversão ecológica proposta por Francisco (LS, 217–221) não é apenas moral ou comportamental, mas profundamente espiritual. Trata-se de reencontrar o sentido da existência como dom e missão, vivendo a gratuidade, a humildade e o louvor, reconhecendo-se parte de uma comunidade universal animada pelo Espírito de Deus. É a espiritualidade do “Cântico das Criaturas”, onde tudo canta a glória de Deus e convida o ser humano a assumir seu lugar no coral da criação.

Conclusão

A encíclica *Laudato Si* permanece, uma década após sua publicação, como um texto profético e desafiador, cuja força está em articular fé, razão, ciência e espiritualidade numa proposta coerente de conversão ecológica e compromisso social. Longe de ser apenas um documento pontual, ela inaugurou um processo irreversível que interpela a Igreja e a sociedade a repensarem suas estruturas, práticas e valores à luz da fraternidade universal e da responsabilidade com as futuras gerações. Seu alcance vai além do campo ambiental: trata-se de um chamado a rever a lógica econômica e cultural dominante, questionando estilos de vida baseados no consumo, na exploração predatória e na indiferença diante dos pobres.

Ao insistir que “tudo está interligado” (LS, 91), Francisco recorda que a crise ecológica é também social, cultural e espiritual, exigindo respostas integradas que unam ética, política, economia e teologia. Nesse sentido, a espiritualidade ecológica proposta pela encíclica — enraizada na comunhão trinitária e na contemplação da criação como dom — oferece um verdadeiro itinerário de esperança ativa e de renovação pastoral. Ela inspira a redescoberta

da simplicidade, da sobriedade e da gratuidade como valores evangélicos capazes de iluminar escolhas pessoais e comunitárias.

A tarefa que se abre é eminentemente pastoral e missionária: cabe às comunidades cristãs, especialmente na América Latina, traduzir esse horizonte em práticas concretas de formação, celebração e compromisso social. Isso implica integrar o cuidado da criação nos processos educativos e catequéticos, promover estilos de vida sustentáveis em nível paroquial e diocesano, apoiar lutas sociais em defesa dos povos e territórios ameaçados e manter viva a dimensão profética da Igreja diante de políticas públicas injustas e sistemas econômicos excludentes.

Em tempos de crise climática, de crescente desigualdade e de polarizações ideológicas que corroem o tecido social, a proposta de Francisco ressoa como um apelo urgente à solidariedade, ao cuidado e à construção de uma nova lógica de vida em comum. Mais do que denunciar, a *Laudato Si* aponta caminhos de reconciliação entre o ser humano, Deus e a criação, convocando todos, crentes e não crentes, a um pacto de corresponsabilidade planetária.

Por isso, sua mensagem mantém-se atual e necessária: diante da tentação da indiferença e do cinismo, ela proclama que outra forma de habitar a Terra é possível, enraizada no Evangelho e sustentada pela esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5). A espiritualidade ecológica de Francisco não aliena, mas compromete; não isola, mas integra; não paralisa, mas mobiliza. É um convite a uma conversão que transforma o coração e, a partir dele, as estruturas sociais e culturais.

Assim, a *Laudato Si* seguirá sendo, para a Igreja e para o mundo, farol de discernimento e fonte de inspiração. O futuro da Casa Comum dependerá de nossa capacidade de assumir, com criatividade e coragem, o chamado à ecologia integral como expressão da fé que se faz vida, da caridade que se torna justiça e da esperança que, já aqui, antecipa a comunhão de todas as criaturas em Cristo.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*.

Vaticano, 24 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 30 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Laudate Deum sobre a crise climática*. Vaticano, 4 out. 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 30 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Vaticano, 29 jun. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 30 ago. 2025.

LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum: sobre a condição dos operários*. Vaticano, 15 maio 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 30 ago. 2025.